



Eixo: Política social e Serviço Social.

Sub-eixo: Política de educação.

ENVELHECER E APARECER: UM DESAFIO PARA O IDOSO DO TERRITÓRIO DE M'BOI MIRIM, ZONA SUL DE SÃO PAULO

VANESSA LOPES DE ALMEIDA¹
RAFAEL FERNANDES ROCHA DAMASCENO²

Resumo: O processo de envelhecimento e a pobreza como forma de violência contra os idosos em m'boi mirim, zona sul de de São Paulo é o tema do presente artigo. Esse estudo busca compreender, de um lado, o cotidiano do idoso de periferia, suas buscas dificuldades e conquistas e, de outro, explorar as diversas formas de violências sofridas, dentre as quais, as violências sociais e institucionais. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, optamos pela metodologia "história oral de vida", técnica aplicada a homens e mulheres de 60 a 80 idosos, com renda de zero a um salário mínimo.

Palavras-chave: Idosos; Vulnerabilidade; Pobreza; Violência Simbólica; Políticas Públicas.

Abstract: The aging process and poverty as a form of violence against the elderly in the districts of Jardim Angela and Jardim São Paulo (South Zone of São Paulo) is the subject of this current dissertation. This study aims to understand two aspects: not only daily life of elderly from outskirts of Sao Paulo and their desires, difficulties and achievements, but also exploring the various forms of violence suffered by elderly, among which, the moral, social and institutional violence. For development of this research, We have adopted methodological procedure of "Oral History of life" for men and women 60 to 80 years monitored by CRAS, specifically elderly whose income tax from zero to a minimum wage.

Keywords: Elderly; Vulnerability; Poverty; Symbolic Violence; Public Politics

INTRODUÇÃO

Inúmeros são os desafios que permeiam o processo de envelhecimento do idoso de periferia. Idosos pauperizados, sem expectativas e ambições, merecem um olhar ainda mais atento das políticas públicas. Os idosos na periferia, estão as margens da sociedade de consumo, não fazem passeios pelo Brasil, não frequentam as Universidades Abertas à Terceira Idade, não se inserem no discurso de "eterna juventude" e não são alvos das propagandas publicitárias, esses idosos sofrem as marcas da violência e da "invisibilidade social".

¹ Professor com formação em Serviço Social. Universidade Santo Amaro. E-mail: <van.lopes@uol.com.br>.

² Profissional de Serviço Social. Universidade Santo Amaro.

Quanto aos dados, o Brasil há muito tempo não pode ser considerado um país jovem. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – divulgada pelo IBGE (2018), a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. As mulheres são maioria nesse grupo, correspondem a 16,9 milhões (56% dos idosos), enquanto os homens idosos representam 13,3 milhões (44% do grupo).

O envelhecimento da população é percebido mundialmente. Se mantidas as tendências na projeção da população do Brasil, o país percorrerá velozmente um caminho rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido, seremos o sexto país com maior população idosa do planeta e até o ano de 2025 pessoas com mais de 60 anos vão representar 15% da população.

Essa mudança expressiva nos segmentos populacionais, sem sombra de dúvidas, implicará em adequações nas políticas sociais, particularmente aquelas voltadas para atender às crescentes demandas nas áreas da saúde, previdência e assistência social. É notória a forma que unidades estatais e organizações sociais, em especial as que integram o SUAS – Sistema Único da Assistência Social vem modificando sua linha de atuação, adaptando-as tipificações e legislações atuais.

A velhice trouxe uma série de novos atributos, “fontes de juventude foram inventadas”, inúmeros investimentos tecnológicos vêm sendo pensados para se viver mais e melhor, propostas inovadoras são oferecidas aos idosos que tem alcançado o horário nobre da televisão. No entanto, DEBERT (2004) nos provoca a pensar sobre uma “reprivatização da velhice”, se por um lado o idoso tornou-se consumidor e isso muito importa na sociedade capitalista, por outro lado, reinventou-se outras formas de negar e empurrar a velhice para o futuro.

Ao notar que nem sempre o idoso retratado pela mídia é a imagem real dos idosos brasileiros, tendo em vista que a maior parte da população vive sem recursos mínimos para garantir uma velhice com dignidade, neste artigo, nos propusemos a problematizar a partir de dois questionamentos:

a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência?

b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do território de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

Para lograr êxito na pesquisa social, temos como premissa que os idosos devem ser ouvidos e suas histórias devem ser conhecidas, no percurso metodológico optamos pela técnica "história oral de vida".

Quanto a fundamentação teórica, abordamos autores das ciências sociais, tais como: a antropóloga brasileira DEBERT (2004), ao pensar os processos da velhice; o historiador ÁRIES (2003), que situa o idoso historicamente; do sociólogo alemão ELIAS (2001), que aborda o processo civilizatório da sociedade e dos indivíduos e a solidão dos velhos e moribundos, entre outros, não menos importantes.

1. OS PROTAGONISTAS E O CENÁRIO

O envelhecimento é um processo natural, dinâmico e progressivo, está associado a fatores sociais, econômicos, políticos e ambientais que variam conforme a época, a cultura e as diferenças individuais”. É construído socialmente e faz relação com o tempo e o espaço, desta forma, cada sociedade constrói a imagem de seus idosos, de acordo com seus parâmetros de sucesso e fracasso, prestígio e desprezo, conforme LAKATOS:

As maneiras e se comportar que se esperam de qualquer indivíduo que ocupe certa posição constituem o papel associado com aquela posição... Papeis e papéis prescritos, portanto, são conceitos que se referem ao comportamento real de qualquer indivíduo considerado. O comportamento do papel, por outro lado, refere-se ao comportamento real de indivíduos específicos, à medida que assumem os papéis. (1999, p. 102)

O aumento da longevidade, conjugado com o momento pelo qual passa a economia brasileira, que também se reflete significativamente sobre o jovem, tem levado o idoso a assumir papéis familiares os quais se desconheciam na literatura e nas políticas públicas.

Há idosos que por intermédio de suas experiências e de convivências em grupo rompem com os estereótipos e mitos construídos sobre a velhice e o processo de envelhecimento, pois muitos, apesar das dificuldades que enfrentam na luta pela sua sobrevivência, fazem desta etapa da vida um momento privilegiado para a realização pessoal, que se contrapõe a paradigmas tradicionais do idoso inútil na cena social.

Embora se perceba na sociedade contemporânea brasileira um movimento no sentido de rever os estereótipos relacionados ao envelhecimento, motivado quem sabe pelas conquistas dos marcos legais, ainda, para muitos, o tempo da velhice é sinônimo de extremas privações.

Há que se pensar que nossa sociedade não prepara o indivíduo para uma velhice segura, a vulnerabilidade econômica é um entrave para que o idoso conquiste autonomia e qualidade de vida. A precarização do trabalho, resultante do modelo neoliberal gera um impacto direto no padrão de vida dos idosos, já que exige que eles adotem novas estratégias de sobrevivência, dentre as quais o ingresso no mercado informal.

Se para algumas culturas o idoso é valorizado pelo acúmulo de sabedoria, adquirida ao longo dos anos, para a maioria dos idosos brasileiros, a velhice

representa uma passagem da vida, em que se vive mais, mas em condições precárias.

Na Idade Média, a vida era árdua principalmente para os idosos que não pertenciam à camada privilegiada dos senhores feudais. A tarefa dura dos trabalhos nos campos afastava os velhos das atividades, e a grande maioria dos homens idosos era excluída da vida pública, a velhice continuava sendo uma raridade e poucas crianças tiveram a chance de conhecer o seu avô

Com o advento da Revolução Industrial, a população na área urbana cresceu, fazendo emergir a classe social burguesa, detentores do capital e dos meios de produção. Essa sociedade capitalista exigiu para o mercado pessoas ativas, saudáveis, capazes de produzir continuamente. E o velho, devido a suas limitações físicas, não se encaixou neste perfil de sociedade que enaltece “o novo”, o socialmente produtivo.

Afastado dos bastidores da vida social, caracterizado como mão-de-obra descartável, o velho passou a representar para a família e para a sociedade um problema, na maioria das vezes, “um peso”, “mais despesas”, já que lhe foi negado o pertencimento à vida social.

Apesar do crescimento significativo de idosos, somos hoje uma nação, que pela primeira vez em sua história tem a maior parcela da população adulta e em idade ativa. Mesmo o país estando no auge de sua força produtiva, crianças e idosos representam um percentual menor na população.

A estrutura etária da população que antes ilustrava uma “pirâmide” passará a ser em formato de “gota” em poucos anos, fato chamado de bônus demográfico, momento único para se investir em políticas públicas, já que a maior parte da população (idosos e crianças) não comporão a população ativa para o mercado de trabalho.

BEAUVOIR (1990, p. 52) “considera a condição da velhice escandalosa” e diz que para alguns a velhice equivale à invalidez, e a aposentadoria, por sua vez, a um auxílio concedido a necessitados, impedindo de certa forma que o idoso tenha um trabalho remunerado decente.

Na atualidade é possível observar novos cenários: precarização do trabalho que exclui o adulto, inatividade imposta aos velhos, reflexos de relações de trabalho intimamente vinculadas à exploração de mão-de-obra. E ainda, é

observável aposentadorias insuficientes para a manutenção do sustento do idoso e da sua família.

O idoso “vulnerabilizado” economicamente sai da cena social, no sentido de reconhecimento público, mas ainda assim emerge da condição de invisibilidade que lhe foi imposta, uma vez que cria estratégias de trabalho e subsistindo com baixas rendas.. A ausência de renda muitas vezes vincula-se à ausência de autonomia, uma vez que se gera dependência ora do Estado, ora dos familiares para seus cuidados e sustento.

Nesse percurso teórico e em contato direto com o objeto de nossa pesquisa, pudemos observar o cotidiano dos idosos e a ausência de condições materiais para garantia de dignidade na velhice, apesar da Constituição Federal do Brasil (1988) e o Estatuto do Idoso garantir a centralidade da política pública para esse segmento populacional.

E quanto ao cenário, vivemos em megalópole que abriga 11,7 milhões de habitantes em uma área de 1526,9km². Na região sul de São Paulo somos 2.549.771 mil habitantes em uma área de 662,197 km², 43,37% da população do município de São Paulo reside na região sul, região de São Paulo que cresce em população, em violência e outras vulnerabilidades que inclui a dificuldade de acesso às políticas públicas.

Para YASBEK (2007:63) “a pobreza é uma face do descarte de mão-de-obra barata, que faz parte da expansão do capitalismo brasileiro contemporâneo. Expansão do capitalismo que cria uma população sobrando, cria o necessitado, o desamparado e a tensão permanente da instabilidade na luta pela vida de cada dia”. No território de M’Boi Mirim a pobreza descrita pela autora é cotidiana.

As histórias de vida contadas pelos idosos do território, que servirão de análise sobre as violências simbólicas sofridas, trarão a visão desses idosos em relação ao território, uma vez que a maioria dos pesquisados estão na região há mais de 30 anos e acompanham a expansão demográfica do território em meio as suas fragilidades.

Os dados coletados durante a presente investigação demonstram a precária situação dos idosos acompanhados. Todos os entrevistados apresentavam situação de alta vulnerabilidade social, relataram ser “arrimo de

família”. Muitos idosos residiam com famílias extensas e seus membros em idade ativa estão fora do mercado de trabalho.

Como pesquisadores, sentimos a necessidade de entender a condição do sujeito a partir do seu lugar como aponta Martinelli (1999, p. 26) ao dizer: “não desconectamos esse sujeito da sua estrutura, buscamos entender os fatos, a partir da interpretação que faz dos mesmos em sua vivência cotidiana (...).

2. O APSE DO DISCURSO

Consciente de que o processo de envelhecimento é contínuo e perpassa todas as fases de nossa vida: nascimento, maturidade e declínio; e nos apropriando do postulado de GEERTZ (1978, p. 4) de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, utilizamos a etnografia para apresentar a nossa pesquisa permeada por significados afim de captar os processos de subjetivação construído e (re) construído pelo cotidiano e pelos protagonistas.

Dos 15 entrevistados, optamos por fazer o recorte da história oral de vida de um (1) idoso que evidenciasse o quanto as dificuldades financeiras o tornou vulnerável, sem acesso a políticas públicas e alheio aos direitos garantidos pelas legislações em vigor.

Os momentos de entrevista dividiram-se em emoção e descontração. Inicialmente o idoso mostrou-se tímido, pois nunca haviam sido entrevistado e poucas vezes teve a oportunidade de falar de sua própria vida.

Deraldo Dias dos Santos, 64 anos, originário de Arataca (BA), saiu de sua terra natal aos 10 anos de idade, morou em Ribeirão Pires (SP), Mauá (SP) e depois no Rio de Janeiro (RJ), antes de residir em M´Boi Mirim. Está solteiro, foi criado pela mãe, em suas palavras: seu maior tesouro, refere-se à “mamãe” com carinho e manifesta o desejo de que ela resida em sua companhia. Não tem referências paternas. Teve uma filha quando morou no Rio de Janeiro, mas a moça não o reconhece como pai, pois não conviveu para desenvolver vínculo. Deraldo trabalhou algumas vezes com carteira assinada, mas, na maioria das vezes, trabalhou na informalidade, ainda não é aposentado, aguarda o benefício BPC-LOAS.

O idoso orgulha-se dos empregos que teve e apresenta suas cartas de referência, agradece aos amigos e vizinhos que o auxiliam quando podem e os considera uma nova família.

Quanto a habitabilidade, reside em casa própria, mas tem clareza de que a mesma foi construída de forma irregular, em terreno da Prefeitura:

Aqui é (...). Mas isso aqui é da prefeitura da prefeitura, né?

Quando questionei sobre sua escolaridade, Deraldo teve dificuldades para responder essa questão, como se tivesse vergonha de sua condição:

Não, estudei pouco, eu não tive tempo de estudar filha, eu fui uma pessoa que não tive infância, sabe disso, né, a minha infância foi trabalhar (...). É, foi trabalhando, eu quase não estudei porque é o seguinte, a minha mãe ficava na roça com a gente, entendeu? Estudei até o segundo ano, segundo ano lá na Bahia, na Bahia. Tava trabalhando fia (...).

Quando questionado sobre sua atual condição econômica, apresenta sua fragilidade e necessidade de programas de transferência de renda para seu sustento:

A minha renda é a do Bolsa Família que saiu no valor de R\$ 70,00. Só, graças a Deus, dou graças a Deus ainda, né? E faço uns bicos de pedreiro, eu faço qualquer serviço eu faço, pintura, qualquer coisa eu faço, sendo pra ganhar um dinheiro entendeu, eu vou. Quando eu posso ir, eu vou. Às vezes eu levanto daquela cama ali na marra com dor nas pernas, eu vim pra trabalhar aqui, cheguei aqui e tal (...) comprei isso aqui fiado, maior sacrifício pra pagar, a vista isso aqui eu, eu lutei mais venci filha.

Deraldo fala com orgulho que já teve um cartão de crédito, em épocas em que podia consumir em decorrência de seu trabalho, hoje consome o mínimo para manter-se vivo:

E se você vê oh menina, eu sou uma pessoa tão assim, eu era tão econômico, eu tinha até cartão de crédito (...). Tinha. Aqui é verdade! Eu tinha cartão de crédito entendeu (...). Eu fazia bico, eu tinha, sei lá às vezes eu fico pensando às vezes que era hoje em dia o que eu era o que eu sou, fico esperando dos outros assim, né? (...).

Deraldo representa um número expressivo da população que se deslocou de um Estado a outro em busca de emprego, cenário comum, para pessoas que nasceram nas décadas de 1940 e 1950:

É. Eu tive por Rondônia também, eu fui até Rondônia atrás de serviço. Isso tem uns cinco anos, seis anos eu fui, né? Rondônia, atrás de trabalho em Rondônia às vezes que eu não consegui nada aqui em São Paulo, né por causa da minha idade, quando chegou em Rondônia eu não pude trabalhar em Rondônia porque eu não sabia eu nunca derrubei árvore de machado, o único serviço que eu achava, derrubar árvore de machado eu nunca trabalhei de machado (...).

Quando questionado sob o acesso à saúde o idoso informou que utiliza o SUS, no entanto, não possui doença crônica:

Veze em quando eu faço, veze em quando eu faço, eu vou lá, né? Mais isso aí não tem quase médico filha, não tem médico não quando você quer alguma coisa têm que ir lá em Santo Amaro, fazer um exame eles mandam pra aqui pro posto, como vai no posto se não tem um exame aqui meu pra mim pegar no posto, aí tem mais de dois meses pra mim fazer exame de fezes até hoje entendeu eu não fiz, que não tem médico (...).

Quanto a sua infância e suas vulnerabilidades, Deraldo considera:

Há minha infância eu não tive quase infância a minha infância era trabalho, eu comecei a trabalhar eu tinha idade de oito anos, sete, oito anos, entendeu, único brinquedo que eu tinha era cavalo de pau, você nem sabe o que é isso, né? (...). Conhece? Andar em cavalo de pau ou então em perna de pau eu nunca ganhei um carrinho, brincar nos carrinhos que eles ganham aqui, nunca tive, nunca tive, o meu sapato era sapato de borracha ou então tamanco, eu usava muito tamanco não existia esses chinelos aqui que eu uso isso aqui era luxo, eu não tinha a minha camisa era calça de (...). Aqueles negócios de saco de açúcar a mãe fazia aquelas camisas pra gente e short de pano de saco (...). A mãe fazia pra gente tendeu, vestir as camisas assim né, colchão a minha fazia de saco de carregar material pra roça com palha de banana entendeu eu não gosto nem de lembra a minha infância, dormir em cama não tinha era cama de madeira aquelas cama de madeira né? Com aquela esteira e aquele colchão é sei lá, às vezes nós tava com fome a minha mãe ia pescar no rio chegava nós tava dormindo e ela acordava a gente pra comer ela pegava três peixes tratava pra chamar a gente pra comer aquele peixe (...). Por causa disso, porque pra inteirar né, interá comprava alguma coisa, uma farinha, na Bahia se usa mais a farinha, farinha e feijão, né?

Quando perguntamos a Deraldo qual fase de sua vida ele gostou mais, ele prontamente respondeu que é o tempo presente, que a velhice tem sido a melhor fase de sua vida:

*Agora (...). Agora (...). É, agora! **Porque sim, porque agora, pelo menos eu como duas vezes, entendeu?** (...). (Faz um movimento reprovador com a boca). Não. Se eu tomasse café de noite eu não jantava, né? Eu tomava um cafezinho com mandioca, né? E ia dormir entendeu, às vezes eu tomo meu leite, como meu pão, como minha bolachinha, entendeu então, eu penso que eu vivo mais a vida agora entendeu? (...). É, eu vivo mais a minha vida que a minha infância sei lá, cê vê que os colega saia chamava pra sair você não podia nem sair? Eu não tinha roupa, pra sair, nenhum sapato pra sair não tinha, né? Tudo era andar descalço, então, e agora não, graças a Deus eu tenho sapato, que eu pago com o meu dinheiro o pessoal me dá, eu tenho roupa, sapato (...).*

Ao questionar sobre quais eram as dificuldades da velhice, ele afirmou:

É precisar dos outros, e ocupar os outros pra mim e a coisa mais difícil porque precisar dos outros porque a coisa mais melhor da vida é você ser independente mas você com a velhice todo mundo vai lhe levar no

medico entendeu, tudo, tudo você depende da pessoa tendeu, aí eu fico pensando o que será de mim?

Quanto às conquistas da velhice, Deraldo atribuiu o sucesso de sua idade à aposentadoria e a não depender de outras pessoas:

(...) A conquista da velhice é você ser aposentado, ter o seu salarinho(...).

Ao solicitar que Deraldo apontasse o que a velhice tinha de diferente em relação as outras fases da vida. Ele afirmou que ninguém se importava com o velho, na juventude, quando ele era jovem tinha companhia, podia namorar, praticar lazer, aproveitava melhor a vida e até desfilava em Escola de Samba:

Quando questionei sobre seus sonhos e desejos caso aquele fosse o último dia de sua vida, Deraldo sorriu, refletiu sobre a morte e expressou:

É o seguinte, porque a morte não espera, sabe disso a morte só chega né? Só chega, né? Só chega, né? Então não posso nem te falar, o negócio agora se ela me mostrasse como e que eu ia morrer e o dia que eu ia morrer eu comia bem, dormia bem, mas disse que o pobre só morre de barriga cheia quando morre afogado, né? Risos (...). Entendeu, então e isso que eu tô falando pra você, então eu não posso falar pra você o que eu faria da minha vida porque eu mesmo, eu ia no açougue comprar uma carne boa pra fazer uma comida muito gostosa, né? Beber eu não bebo mais... Um dia de rei, cê entendeu isso eu faria, eu não penso da morte, e o seguinte porque se eu morrer agora não sei (...).

Quando questionei Deraldo sobre quais eram os desafios de morar em um bairro de periferia, o idoso disse que nunca teve vergonha de morar no Jardim Ângela, mas gostaria mesmo é de morar na Piraporinha, que é um centro comercial.

Ao finalizar a entrevista com Deraldo, perguntei se ele tivesse mais recursos financeiros, o que gostaria de fazer. Ele respondeu:

Há eu iria passear, adoro passear! (...) Adoro passear, passear bastante, conhecer outros países, eu gostaria, né? Meu sonho também, andar de avião, que eu nunca andei. (...). Navio eu já andei de navio (...) Já, mas de avião eu nunca andei, meu sonho é andar de avião, um dia eu ainda ando de avião, mas eu nunca andei de avião, meu sonho é andar de avião... Lá pra fora de avião!

3. CONCLUSÃO

O contato com idosos do território de M'Boi Mirim nos permitiram problematizar e dar um norte a esta pesquisa por meio de dois questionamentos, sendo eles: a) é possível construir direitos quando o idoso de periferia não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência? b) quais são as violências não físicas sofridas pelos idosos do Distrito de M'Boi Mirim, Zona Sul de São Paulo?

DEBERT (1998, p.50), ao referir-se às armadilhas existentes nas representações e nas práticas referentes ao envelhecimento social, afirma que “a velhice não é uma categoria natural”, ou seja, as representações da idade adquirem significados específicos construídos em consonância com os contextos histórico-sociais e culturais em que estão inseridos.

O conceito de velhice é uma construção social, a imagem daquele que envelhece nas sociedades modernas, pode ser vista de diversas maneiras e sobre diversos enfoques. Tais variações na contemporaneidade são fulcrais para perceber o novo viés que a mídia e o Estado estabelecem sobre as representações sociais voltadas ao idoso.

Ao observarmos a participação dos idosos em atividades físicas, promovidas e incentivadas pelos programas governamentais e privados nas praças e nos parques da cidade ou nas propagandas de televisão incentivando passeios apresenta-se como um intenso reforço uma imagem de eterna juventude para o idoso. Mas pode-se ainda constatar, por outro lado, a realidade chocante em que vive a maioria dos idosos, especialmente os idosos de periferia. Vítimas de maus tratos, negligência e abandono, idosos que sofrem na pele a consequência da pobreza, ora sobre o aspecto da ausência de garantia de direitos mínimos, ora sobre o aspecto da invisibilidade social.

Partindo dessa diretriz, a criação da terceira idade é recente e por isso é concebida como uma nova etapa da vida onde o indivíduo elabora rituais de passagem da vida adulta para a velhice, carregando muitas vezes os estigmas da solidão e da marginalização, como poderemos verificar na pesquisa. As categorias de idade incluem uma dimensão política, envolvendo disputas e redefinição do poder junto aos grupos sociais distintos que se transformam a cada etapa do ciclo vital, daí a necessidade de políticas públicas em específico

para este segmento, considerando inclusive, os desejos daquele que alvo da política.

Se atentarmos, para as condições de vida de muitos dos brasileiros com sessenta anos ou mais de idade observamos, infelizmente quase sem surpresa, o grande hiato que separa a realidade de tudo o que é desejável e esperado, um hiato que, de há muito instalado. Os dados coletados durante a presente investigação demonstram a precária situação dos idosos acompanhados pelos autores. Todos os entrevistados apresentavam situação de alta vulnerabilidade social, todos recebem menos que dois salários mínimos, residem em ambiente pequeno, com muitas pessoas e todas as famílias contam com a renda do idoso para subsistência. Nas palavras de ALMEIDA (2005), tais problemas são fomentados pelo crescimento acelerado da população idosa que traz novos desafios para a sociedade, especialmente o desafio de construir políticas públicas de acesso e de inclusão.

Durante todo o período de coleta de dados, observamos que apesar da Constituição Federal de 1988, a dita “constituição cidadã” introduzir o conceito de seguridade e garantia de mínimos sociais, saltando de uma visão assistencialista para uma visão de cidadania, ainda há muito a se conquistar no campo dos direitos, especialmente direitos para maiores de 60 anos, neste caso, para 18 milhões de pessoas com mais de 60 anos

Para responder a estes objetivos, apresento de forma breve os resultados de minha pesquisa:

O território de M’Boi Mirim é cenário de pobreza, violência e exclusão. A população possui baixa escolaridade, parte mora em área de proteção de manancial e favela e executa trabalhos informais, sem o amparo da previdência social.

Destaca-se, em particular na região observada, o poder paralelo, com a liderança do tráfico de drogas, mas a população também reivindica seus direitos por meio de passeatas e ocupação dos espaços da subprefeitura, também contesta a falta de canalização de córregos que gera enchentes, a desocupação de áreas ilegais e o excessivo congestionamento da região.

Percebo que os idosos pesquisados retratam “velhices” de forma peculiar e é importante reforçar que todos eles aceitam o que a vida lhe apresentou, em

especial as dificuldades financeiras e de nenhuma maneira sentem-se vítimas de sua condição econômica, que a meu ver, é escandalosa e violenta, conforme apresentamos ao longo desse artigo.

Por outro lado, cabe mencionar que no momento em que questionei sobre o que é ser velho hoje, a maioria informa que não são respeitados, mas acredita que nesta fase acumula-se sabedoria, aprendizado. Ao mesmo tempo, que lamentam a violência acentuada das periferias, diz não quer se mudar de onde moram, devido aos vínculos adquiridos ao longo da vida.

Alguns idosos relatam com emoção a saudade que tem dos pais já falecidos e de pequenas oportunidades de lazer que tinham na juventude, como a participação em uma escola de samba e a presença dos bailes da Igreja. Todos os idosos sabem que sofreram e sofrem privações econômicas e sociais, mas nenhum atribui este fato, como uma condição violenta para sua fase de vida.

A observação pormenorizada do cotidiano dos idosos, possibilita-me confirmar por meio do embasamento teórico (utilizado ao longo desta dissertação) que o conceito de violência é sempre associado a agressão e aos maus tratos. E enfatizo que pouco se reflete na academia a condição de violência social e institucional e suas implicações na sociedade contemporânea. No entanto, nas falas dos idosos, há uma naturalização da situação de miséria e vulnerabilidade, como se fosse natural, algumas pessoas padecerem de recursos materiais.

Os rituais de agressões, violências e maus tratos que se desenrolam nesses cenários expressam-se na força, na palavra, no silêncio, na omissão e na posse, além de revelarem a complexidade das relações interpessoais com todos os seus matizes e remeterem reflexões para as conseqüências nocivas da violência contra as pessoas idosas.

Quanto a violência simbólica, de que pouco se fala, é a de natureza psicológica e emocional que afetam severamente a saúde mental e física do idoso, onde o velho lida com situações permanentes de tensão, angustia medo, intimidação e ameaça, muitas vezes, situações relacionadas a sua condição econômica, quando por exemplo, é obrigado a conviver com seus agressores por não ter outra residência.

As violências que afetam a subjetividade dos idosos parecem frequentes e de grande intensidade, muitos idosos em condição vulnerável sofrem de depressão, decorrente de uma vida de frustrações, aprisionando-os e condenando-os a viverem por tempo indeterminado em situações desumanas, de intenso sofrimento, desespero e risco. Tais situações observadas durante meu trabalho como assistente social, na maioria das vezes levam ao agravamento ou desenvolvimento de doenças psicossomáticas, especialmente quando essas violências são geradas por pessoas da família.

Os eventos traumáticos, como a violência social e familiar, podem afetar de forma temporal ou definitiva a capacidade de enfrentamento do idoso. Percebemos que idosos depressivos vêm despojando sua vida de significado e prazer. Os profissionais que atuam junto a idosos devem compreender o significado da experiência do envelhecimento e da velhice, pois normalmente são subestimadas as capacidades e o desejo que os idosos têm de viver e de por em prática seus projetos de vida.

As leis que deveriam efetivar os direitos dos idosos, propiciando uma velhice mais confortável, no acesso aos direitos mínimos e condições socioeconômicas mais favoráveis, foram parcialmente efetivadas, colaborando para ampliar o número de necessitados e excluídos, o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade, mas, na maioria das vezes, esses idosos vulnerabilizados desconhecem a gama de direitos que lhe foram atribuídos e subsistem inclusive sem acesso à informação em relação aos seus direitos.

Em virtude dos dados coletados e analisados, concluímos que **não** é possível construir direitos quando o idoso não tem garantido o mínimo de condições para a sobrevivência, a falta de recursos materiais impede que o idoso consiga visualizar uma outra forma de vida, sem carências de políticas públicas ou vulnerabilidades econômicas. E ainda, os idosos pesquisados nesta dissertação, sofrem as marcas da violência social que os condicionam a uma situação de miséria.

Ainda acredito que o idoso é rico em autonomia e sabe o que é melhor para sua vida, mas o empobrecimento o condiciona em uma vida de privações. “As violências contra o idoso não podem ser solucionadas adequadamente se

as necessidades essenciais dos idosos – alimentação, moradia, segurança, saúde, assistência social, renda, etc. não forem atendidas.

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003. 312p.
- BEAVOUIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1990.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2004.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEERTZ, Clifford. “Ethos, Visão de mundo, e a análise de símbolos sagrados”. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- IAMAMOTO, M.V. **O serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez Editora, 1998. 326p.
- IBGE. **Dados Estatísticos sobre a População Total**. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 15 maio 2018.
- MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. 2.ed. Portugal: Europa América, 1976. 327p.
- REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE. **Velhice e Envelhecimento**, São Paulo: Cortez, ano 24, n. 75, 2003. Edição Especial.
- SILVEIRA, Selma Amaral. **Resignificando a velhice com autonomia: um desafio para a família, o estado, a sociedade e um prazer para os idosos**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SPOSATI, Aldaíza. **Os direitos dos desassistidos sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- SUBPREFEITURA DE M'BOI MIRIM. Equipe Técnica da Coodernadoria de Assitência e Desenvolvimento Social. **Diagnóstico de M'Boi Mirim**. São Paulo, 2008.
- YASBEK, Maria Carmelita. **Classes Subalternas e assistência social**. São Paulo: Cortez, 2007.

ZANI, Lucia Helena da Silva. **O idoso e a família**: investigação sobre a dinâmica dos papéis sociais. Mestrado em Gerontologia. PUCSP, 2007.

SÃO PAULO (Cidade). **Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade de São Paulo**. Disponível em:
<www.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/saude/estatistica_proaim.asp>.

SEADE. Fundação Sistema de Análise de Dados. **Demografia, Taxas de Mortalidade Geral** (Estado de São Paulo, Brasil e Países Selecionados). Disponível em: <www.seade.gov.br>.